



DOM BOSCO, HISTÓRIA E CARISMA (Vol.2)

(P. Arthur J. Lenti – sdb)

CAPÍTULO V **DOM BOSCO PUBLICISTA – O APOSTÓLO DA IMPRENSA**

CONTEXTO HISTÓRICO

A partir de 1850... apostolado

1	Implantação da educação nacional
2	Reformas liberais. Exigências de nova cristianização da Europa.
3	Defesa estatal da liberdade religiosa aos não católicos. Desenvolvimento dos Valdenses.

Aumento dos índices de alfabetização, através das reformas de:

1859	Casati
1848	Boncompagni
1857	Lanza

Com o aumento da educação pública sentiu-se o aumento de professores e de alunos com a melhoria de instalações escolares. Em 1848 é aprovada a lei da liberdade de imprensa destacando-se o ressurgimento da imprensa católica conservadora.

Resposta Católica:

Por quê? Aumento do liberalismo e da secularização. Em 1848 os Bispos do Piemonte e o Padre Leonardo Murialdo assumem um papel de destaque.

Papa Pio IX pública uma Encíclica “Nobis et nobiscum” (1848) e mantém uma decisão de defesa da fé católica com a Encíclica “Inter múltiples”. A partir destas posições do Papa e dos Bispos surgem periódicos católicos tais como:

1848	L’Armonia
1863	L’Unita Cattolica
1851	La Civiltà Cattolica
1861	L’Osservatore Romano

Classificação dos livros de Dom Bosco

Década de 1840	Livros piedosos e educativos
Década de 1850	Livros apoloéticos
Década de 1860	Livros associados com a Sociedade Salesiana



O periódico católico conservador *L'Armonia* representado como uma velha monja, em caricatura do periódico satírico anticlerical *Il Fischietto* (1854).

Frentes

- 1º) Em defesa da Igreja
- 2º) Contra as ideias da ver. Liberal e dos Valdenses

Década de 1860

1855 – 1856 – História da Itália

Finalidade	Religioso, moral e apologético
Destino	Jovens, crianças e o povo
Linguagem	Essencial, simples e direta
Fontes	Melhores estudos. São escassas. Usa as que tinham finalidade didática.
Fontes Principais	História Universal de Jules Raymond e Fleury (1797 – 1878)
Organização	4 Partes: a) Itália Pagã. b) Itália Cristã (Início do processo de cristianização até o fim do Império Romano). c) Itália Medieval (476 a 1492). d) Itália Moderna (1492 a 1856).
Características da Obra	a) Centra-se nas pessoas e nos acontecimentos. b) É fruto de numerosas fontes. c) A confiabilidade vem das obras menores. d) O mais discutível é sua ideologia. e) A História da Itália era uma longa lição de moral, social e pessoal modelada pelas ideias morais, religiosas e políticas do próprio Dom Bosco. f) A virtude e o vício determinam o destino das nações assim como as ações dos líderes políticos. g) Insiste no papel da providência. h) Critica a democracia. i) Apoia a legitimidade da monarquia. j) Ataca os maçons.

Dom Bosco é um “conservador que escreve com espírito da restauração = eclesiologia ultramontana.

2ª Edição (1859)

Objetivo: Adequá-la para ser utilizada como texto nas escolas secundárias e nas escolas de magistério.

Nessa segunda edição, manteve a divisão em 4 partes.

Modificações / Ampliações	<p>Ampliou as primeiras seções e acrescentou 8 novos capítulos à quarta parte, que se ocupava da Itália Moderna.</p> <p>O novo período vai da Guerra da Crimeia (1854-1855, tratada na primeira edição) a março de 1859, pouco antes da Segunda Guerra de Independência Italiana, que envolveu o Piemonte e a França contra a Áustria.</p>
	<p>Capítulo 37 - dedicado ao terremoto de Nápoles, à abertura da China e à aparição do cometa Donati.</p>
	<p>Capítulo 38 - apresenta personagens contemporâneos. O último mencionado na primeira edição era o escultor Antônio Canova (1757-1822).</p> <p>Entre os novos personagens, ele fala do padre Carlos Denina, historiador erudito (Le rivoluzioni d'Italia, entre outros títulos).</p> <p>Na vida real, este historiador era um duríssimo crítico social, relegado à pequena cidade de Vercelli por atribuir a decadência da Itália aos sistemas educacionais ruins, à corrupção da nobreza, à mendicância endêmica e ao excessivo número de monjas, frades e padres.</p> <p>Dom Bosco, porém, o enaltece pela sua perseverança no estudo e pela sua capacidade de trabalho.</p>
	<p>Capítulo 39 - faz uma reparação por ter omitido na primeira edição Joseph-Marie de Maistre (1754-1821).</p>
	<p>Capítulo 41 - fala de Antônio Cesari (1760-1828), da Congregação do Oratório, que escrevera sobre os clássicos religiosos italianos medievais. Mas também “encontrou tempo para instruir os jovens, visitar prisioneiros e enfermos e ajudar famílias indigentes”.</p>
	<p>Capítulo 42 - fala do poeta Vicente Monti (1754-1828) e cita alguns de seus versos antirrevolucionários. Embora sua vida nem sempre tenha sido exemplar, morreu santamente.</p>
	<p>Capítulo 43 - apresenta o gênio das línguas, cardeal José Mezzofanti (1774-1840), “que sabia falar mais de 300 idiomas e dialetos”. Não lhe importava a comida, a roupa ou o descanso. Passava 14 ou 15 horas por dia em seus estudos, e não foi afetado pela vaidade.</p>
	<p>Capítulo 44 é dedicado a Sívio Pellico, bibliotecário da marquesa Barolo e amigo de Dom Bosco.</p> <p>Depois da terrível experiência da prisão pela polícia austríaca na fortaleza de Spielberg, foi para Turim onde “passou seus dias estudando e praticando a religião”. Também encontrou a felicidade ajudando os jovens e necessitados.</p>
	<p><u>Antes de concluir, Dom Bosco acrescentava um breve e evasivo Capítulo, o 45, ao grande Antônio Rosmini-Serbati (1797-1855). Dom Bosco sabia que alguns dos livros do grande filósofo estavam na lista dos livros proibidos pela Igreja e absteve-se de discutir o pensamento de Rosmini. Louva-o pela sua caridade e por se submeter humildemente ao juízo do Papa. “Em Rosmini, a profundidade da sua erudição unia-se à fé firme e incondicional de um bom católico”.</u></p>

Além da sua aspiração moralizante, a segunda edição da História da Itália mostra como era o pensamento de Dom Bosco no momento em que fundou a Sociedade Salesiana.

Críticas ao livro “História da Itália” na Gazzeta del popolo.

O periódico liberal e anticlerical mais importante de Turim, a Gazzetta del Popolo, publicou uma dura recensão da História da Itália, em 18 de outubro de 1859.

Referindo-se ao apoio dado por Dom Bosco às ideias e à gente contrária a tudo que representasse a Revolução Liberal e o movimento pela unidade e independência italiana, o crítico chamava Dom Bosco de “Padre Loriquet redivivo”.

O famoso jesuíta francês, Jean-Nicolas Loriquet (1767-1845) publicara uma História da França A.M.D.G. (1823) para uso nas escolas.

O *Grand dictionnaire de Larousse* taxara-o como um “amontoado de mentiras esboçado para encher os alunos de ódio pelas ideias, instituições e princípios em que se assentara a moderna sociedade desde 1789 [...]”.

A comparação com Loriquet, se Loriquet merecia ou não essa censura, foi muito prejudicial para Dom Bosco e seu livro, já que os situava entre os reacionários.

Para sublinhar esse aspecto, o crítico citava numerosos exemplos do livro com a finalidade de ilustrar o seu juízo sobre o mesmo. Por exemplo, acusava Dom Bosco de ser pró-austriaco, especialmente em sua descrição da Primeira Guerra de Independência italiana (1848-1849) e da Guerra da Crimeia (1854-1855). O crítico chegava a pedir ao ministro do Ensino Público que proibisse a publicação do livro e seu uso nas escolas.

Outros escritos

1857 e 1858	Vida dos Papas - Objetivo era defender o Papa Pio IX.
1858	Estudos Piedosos e Educativos - Mês de maio em honra de Maria Santíssima Imaculada (Vários textos) ⁽¹⁾
1855	Vade-mécum do Cristão ⁽²⁾
	Conselhos morais, sociais e domésticos (Fontes: S. Carlos Borromeu, S. Vicente de Paulo, S. Felipe Neri, S. Francisco de Sales e Beato Sebastião Valfré).

⁽¹⁾ No final da década de 1850, pretendia ser uma homenagem à Imaculada Conceição.

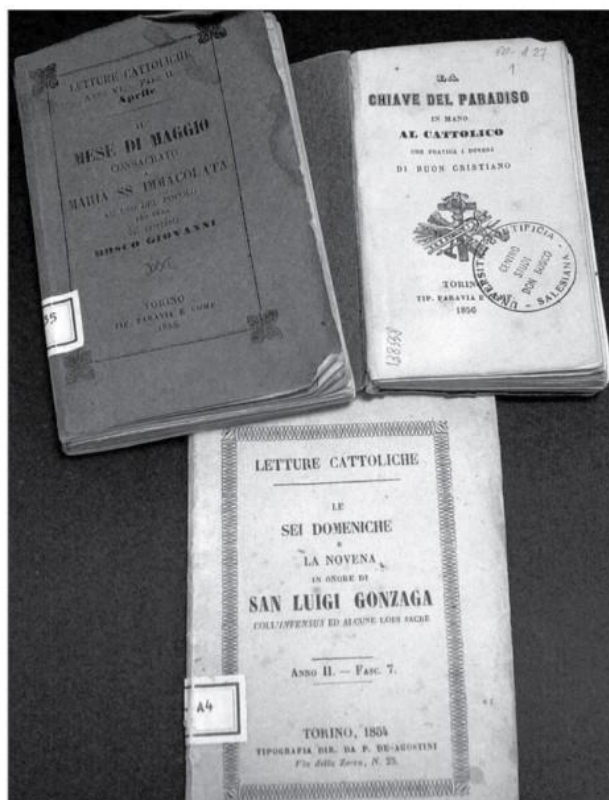
O livro, na verdade, fala pouco de Maria e muito de vida cristã.

É um pequeno catecismo espiritual que leva o leitor do Deus Criador à salvação no paraíso.

⁽²⁾ Em primeiro lugar, Dom Bosco estabelece um quadro geral, com conselhos sobre Deus, a Igreja, o Papa, os mandamentos, a fé, o pecado e o paraíso.

Esses temas expressam suas convicções básicas como diretor espiritual (de Domingos Sávio!). “Deus quer que todos nós nos salvemos; na verdade, ele quer que sejamos santos.

Para salvar-se, é preciso ter a eternidade sempre presente no pensamento, Deus no coração e os pés no chão. Cada um



Alguns livretes escritos por Dom Bosco.

deve cumprir os deveres próprios do seu estado de vida.”

Em segundo lugar, prevê situações nas quais se podem encontrar pessoas que vivem caminhos diversos de vida, e as acompanha com conselhos moralistas, que enfatizam os “deveres”, procedentes das fontes mencionadas.

Por exemplo, conselhos gerais para os pais são obtidos do Beato Sebastião Valfré, e conselhos particulares, da Sagrada Escritura e dos Santos Padres.

São Felipe Neri é a fonte dos conselhos sobre os deveres e as coisas importantes para os jovens. Há também recomendações para mães, governantas, filhas e empregadas.

VIDA DE DOMINGOS SÁVIO

Apenas vinte e um meses depois da morte de Domingos Sávio em 9 de março de 1857, Dom Bosco publicou em janeiro de 1859 sua biografia nas Leituras Católicas

Acompanhou pessoal e atentamente o pequeno livro em cinco edições seguidas, cada uma delas corrigida e aumentada.

Foram 5 (cinco) edições publicadas sob a supervisão de Dom Bosco.

A primeira edição foi publicada na primeira série de Leituras Católicas.

Tinha por título “**Vida do jovem Domingos Sávio, aluno do Oratório de São Francisco de Sales**”.

CAPÍTULO VI ESCRITOS POLÊMICOS E APOLOGÉTICOS DE DOM BOSCO

ANTES DE 1850

1847	Foi aprovada a “Petição de emancipação” que era dar liberdade religiosa a Valdenses e Judeus
1848	Foi aprovada a lei de “Tolerância Social” aos Valdenses.
	19 de junho: Aprovada definitivamente a emancipação religiosa. Na época eram 21 mil Valdenses (*) e 7 mil Judeus. Consequências: a) Valdenses e Judeus apoiavam o governo liberal do Piemonte contra a Igreja. b) Apoio dos governos por intelectuais e maçons.
1851	Apêndice à 2ª Edição do “Jovem Instruído”.
1853	Surgem as “Leituras Católicas contra os Valdenses”. Apoio aos católicos: “O católico instruído em sua religião”. No Oratório surge a oposição de Domingos Sávio criando a Companhia da Imaculada. Destaque-se que Dom Bosco nunca desceu a ataques pessoais ou injúrias. As Memórias Biográficas revelam exemplos de debates e revelam algumas conversões.

ALGUNS DESTAQUES DAS “LEITURAS CATÓLICAS

- a) Eram livros apologéticos.
- b) Eram livretos limples.
- c) Tinham um conteúdo moral e religioso.
- d) Abordavam basicamente temas religiosos.
- e) Eram publicados mensalmente.
- f) Deviam ser baratos (90 centavos de lira)
- g) De 1853 a 1888 foram publicados 432 livros, 130 reimpressos.
- h) Dom Bosco teria escrito 70 livros.

(*) História

Amadeu Bert (Ministro em Turim) argumenta que o movimento valdense teve sua origem no tempo do imperador Constantino, quando a doutrina, o culto e o governo da Igreja de Cristo começaram a perder sua pureza original. Nessa época, diz ele, um grupo de cristãos iluminados resistiu ao desvio do modo de vida do Evangelho.

Bert não vai além e não proclama, como fazem outros, que os valdenses têm sua origem nos tempos de São Paulo ou São Tiago.

Durante o primeiro milênio, os valdenses viveram nos vales alpinos seguindo o modo de vida do Evangelho e recusaram-se a aceitar o domínio papal. Estes cristãos evangélicos não eram nem loucos nem mentirosos. Mesmo antes de Valdo, no século XII, os valdenses preservaram a doutrina e o culto cristãos das origens. Mas os papas da Idade Média e seus inquisidores acusaram-nos de heresia e bruxaria, embora na simplicidade de sua religião só desejassem levar uma boa vida moral e litúrgica, mais do que dogmática.

Gostariam de viver em paz no sul da França, na Boêmia e na Apúlia, mas a história da comunidade durante a Idade Média também é a história da “degeneração permanente do papado”.

A Reforma protestante foi um acontecimento que reavivou o entusiasmo e a alegria entre os valdenses. A ignorância e a corrupção do clero, a venda de indulgências e outros abusos tolerados pela Santa Sé fizeram com que Lutero retornasse ao cristianismo do Evangelho. E recordou que “o Papa não é infalível”.

Os valdenses que viviam nos vales do Piemonte fizeram causa comum com a Reforma, e, por isso, foram objeto de perseguição incessante. Centenas de pessoas foram expulsas de suas terras ancestrais e forçadas a fugir e refugiar--se na Suíça ou Alemanha.

A Revolução Francesa, até 1830, não fez muito para melhorar a situação dos valdenses. Só no Piemonte, com a subida ao trono do rei Carlos Alberto em 1831, ela melhorou gradualmente. O rei fora discípulo do ministro valdense Vaucher, professor na academia protestante do cantão de Genebra.

Crenças

Enquanto narra a suposta história dos valdenses, Bert também explicita suas crenças religiosas. Os valdenses professam a fé cristã pura da Igreja primitiva. Jesus pregou uma doutrina simples e pura, e com sua morte deu-nos um exemplo de sacrifício e amor. Com isso, “restituiu à família humana sua liberdade original”.

Durante os 3 primeiros séculos, os fiéis não tinham lugares especiais de culto, não possuíam uma hierarquia, viviam em comunidades independentes unidas tão somente pelos “laços sagrados da fé e da caridade”.

Seus bispos e outros ministros não tinham nem riquezas nem poder temporal. Os cristãos reuniam-se em assembleias só para ler e escutar as Sagradas Escrituras explicadas no próprio idioma, e para cantar os louvores do Senhor. Para os fiéis, o único dia santo era o domingo, e havia alguns dias de jejum e a comemoração dos fatos mais importantes da vida de Jesus Cristo.

Os valdenses reverenciavam a Bíblia; acreditavam nas verdades do credo dos apóstolos e do magistério dos primeiros 4 concílios. Mas recusavam todas as inovações que causaram e continuaram a causar problemas à Igreja de então.

Recusavam, portanto, o primado de Pedro, a autoridade suprema do Papa, o poder dos bispos como este evoluíra, a hierarquia eclesiástica e qualquer domínio clerical.

Os valdenses celebravam o Batismo e a Eucaristia, mas não aceitavam os outros 5 sacramentos do catolicismo romano porque eram antiapostólicos e iam contra as escrituras.

Os ritos, os símbolos materiais e as fórmulas desses sacramentos eram não só “estranhos, inúteis e censuráveis”, mas também “blasfemos”.

Recusavam a doutrina do purgatório e a oração pelos mortos.

Consideravam que o culto aos santos era uma prática de “idolatria”, contrária à doutrina da mediação única de Jesus.

Reverenciavam a Virgem Maria como santa, humilde e cheia de graça, mas de uma graça que não podia ser compartilhada.

Também recusavam a veneração das imagens dos santos e de suas relíquias.

Não aceitavam as peregrinações, a água benta, a sacralidade dos cemitérios, a cruz, a bênção de ramos, os vasos sagrados ou os adornos nas igrejas.

Estudos Formativos de Responsabilidade:
SC. Ivo José Bassani (Conselheiro para Formação)

FORMAÇÃO PERMANENTE REALIZADA EM ___ de _____ de ____
SC. _____